

ASPECTOS COMPORTAMENTAIS E O PAPEL DO EMPREENDEDOR PERIFÉRICO: MITOS E COMPETÊNCIAS

***BEHAVIORAL ASPECTS AND THE ROLE OF THE PERIPHERAL ENTREPRENEUR:
MYTHS AND COMPETENCIES***

LARISSA ALVES DE MACEDO

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - PUC SP

JOÃO PINHEIRO DE BARROS NETO

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - PUC SP

Comunicação:

O XIII SINGEP foi realizado em conjunto com a 13th Conferência Internacional do CIK (CYRUS Institute of Knowledge), em formato híbrido, com sede presencial na UNINOVE - Universidade Nove de Julho, no Brasil.

Agradecimento à orgão de fomento:

Os autores agradecem ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio institucional e financeiro concedido, o qual foi fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa.

ASPECTOS COMPORTAMENTAIS E O PAPEL DO EMPREENDEDOR PERIFÉRICO: MITOS E COMPETÊNCIAS

Objetivo do estudo

Analisar as competências comportamentais e o papel do empreendedor periférico, destacando a desconstrução de mitos sobre o empreendedorismo e os impactos sociais gerados por essas práticas em territórios vulneráveis (favelas).

Relevância/originalidade

O estudo é original ao abordar o empreendedorismo periférico sob a ótica das competências comportamentais, desconstruindo mitos e evidenciando práticas inovadoras em contextos de vulnerabilidade, contribuindo para a compreensão do impacto social e econômico desses empreendedores em suas comunidades.

Metodologia/abordagem

A pesquisa é qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, com entrevistas semiestruturadas realizadas com empreendedores periféricos de Diadema/SP. A análise de conteúdo foi conduzida com apoio do software NVivo, permitindo a categorização e interpretação dos dados à luz do referencial teórico.

Principais resultados

Os resultados evidenciam que empreendedores periféricos desenvolvem competências como resiliência, criatividade e liderança, desconstruindo mitos do empreendedorismo. Superam desafios estruturais com práticas inovadoras, geram impacto social positivo e fortalecem a economia local, mesmo atuando em contextos de vulnerabilidade e estigmatização.

Contribuições teóricas/metodológicas

O estudo contribui teoricamente ao aprofundar a compreensão do empreendedorismo periférico a partir das competências comportamentais, desconstruindo mitos consolidados. Metodologicamente, reforça a eficácia da análise de conteúdo com apoio do NVivo para investigar práticas empreendedoras em contextos sociais vulneráveis.

Contribuições sociais/para a gestão

O estudo evidencia como o empreendedorismo periférico gera impacto social, promovendo autonomia, renda e inclusão. Para a gestão, oferece insights sobre práticas inovadoras e liderança empreendedora/comunitária, contribuindo para políticas e estratégias voltadas ao fortalecimento de negócios em territórios vulneráveis.

Palavras-chave: Empreendedorismo periférico, Competências empreendedoras, Liderança empreendedora, Mitos do empreendedorismo, Impacto social

***BEHAVIORAL ASPECTS AND THE ROLE OF THE PERIPHERAL ENTREPRENEUR:
MYTHS AND COMPETENCIES***

Study purpose

To analyze the behavioral competencies and the role of peripheral entrepreneurs, highlighting the deconstruction of entrepreneurship myths and the social impacts generated by these practices in vulnerable territories ("Brazilian favela communities").

Relevance / originality

The study is original in addressing peripheral entrepreneurship from the perspective of behavioral competencies, deconstructing myths and highlighting innovative practices in vulnerable contexts, contributing to the understanding of the social and economic impact of these entrepreneurs within their communities.

Methodology / approach

This is a qualitative, exploratory, and descriptive study based on semi-structured interviews with peripheral entrepreneurs from Diadema/SP. The content analysis was conducted with the support of NVivo software, allowing the categorization and interpretation of data in light of the theoretical framework.

Main results

The results show that peripheral entrepreneurs develop competencies such as resilience, creativity, and leadership, while deconstructing common entrepreneurship myths. They overcome structural challenges with innovative practices, generate positive social impact, and strengthen the local economy, even when operating in contexts of vulnerability.

Theoretical / methodological contributions

The study contributes theoretically by deepening the understanding of peripheral entrepreneurship through behavioral competencies and deconstructing established myths. Methodologically, it reinforces the effectiveness of content analysis supported by NVivo to investigate entrepreneurial practices in socially vulnerable contexts.

Social / management contributions

The study highlights how peripheral entrepreneurship generates social impact by promoting autonomy, income, and inclusion. For management, it offers insights into innovative practices and entrepreneurial/community leadership, contributing to policies and strategies aimed at strengthening businesses in vulnerable territories.

Keywords: Peripheral Entrepreneurship, Entrepreneurial Competencies, Entrepreneurial Leadership, Entrepreneurship Myths, Social Impact

ASPECTOS COMPORTAMENTAIS E O PAPEL DO EMPREENDEDOR PERIFÉRICO: MITOS E COMPETÊNCIAS

1 Introdução

O empreendedorismo, compreendido como a capacidade de identificar oportunidades e mobilizar recursos para criar produtos, serviços ou processos inovadores, ultrapassa a simples criação de negócios. Trata-se de uma prática que gera valor econômico, social e cultural e que está diretamente relacionada a características comportamentais como proatividade, inovação, resiliência e capacidade de assumir riscos calculados (Longenecker et al., 2018). No entanto, quando deslocamos o olhar para os territórios periféricos brasileiros, torna-se evidente que a prática empreendedora adquire contornos específicos, profundamente marcados por desigualdades socioeconômicas, exclusões históricas e práticas cotidianas de resistência e superação.

Nas favelas e comunidades periféricas, a atuação empreendedora emerge como resposta direta às adversidades e às limitações impostas pela ausência de oportunidades formais, pelo estigma social e pela precariedade das políticas públicas. Meirelles e Athayde (2014) destacam que fatores como gênero, raça, escolaridade e vínculos familiares não apenas influenciam o acesso à renda formal, mas também condicionam a formação de redes de apoio, estratégias de sobrevivência e práticas de geração de renda que, muitas vezes, se aproximam do empreendedorismo.

Assim, a experiência periférica não pode ser dissociada das dimensões comportamentais que orientam a ação do indivíduo, uma vez que empreender nesses contextos envolve aprender a lidar com escassez, informalidade e ausência de suporte institucional, ao mesmo tempo em que se constrói novas formas de pertencimento e protagonismo.

Nesse cenário, ganha relevância a análise das competências comportamentais que permeiam a atuação desses empreendedores e a desconstrução dos mitos que ainda cercam o empreendedorismo, tais como a ideia de que empreendedores nascem prontos ou dependem exclusivamente de capital financeiro para prosperar (Kuratko, 2016). O empreendedor periférico, ao contrário, evidencia práticas de adaptação e inovação que frequentemente escapam à lógica tradicional e normativa do empreendedorismo, movimentando economias locais, fortalecendo redes comunitárias e promovendo impactos sociais significativos.

Diante desse contexto, este estudo tem como objetivo geral analisar os aspectos comportamentais e o papel do empreendedor periférico, com ênfase na identificação das competências que fundamentam sua atuação e na desconstrução dos mitos que permeiam essa prática. De modo específico, busca-se: (i) compreender as competências desenvolvidas e mobilizadas pelos empreendedores periféricos no município de Diadema/SP; (ii) analisar como essas competências contribuem para a construção de soluções econômicas e sociais em seus territórios; e (iii) discutir de que forma essas práticas reafirmam a favela como espaço legítimo de inovação e protagonismo social.

O estudo justifica-se pela escassez de pesquisas que abordem o empreendedorismo periférico sob a ótica das competências comportamentais e pelo potencial dessas iniciativas para promover desenvolvimento econômico, inclusão social e valorização das práticas locais em contextos marcados por vulnerabilidades estruturais. Ao lançar luz sobre essas trajetórias, este trabalho contribui para ampliar o debate sobre empreendedorismo, inclusão e inovação social em favelas e comunidades urbanas.

2 Referencial Teórico

A discussão sobre espírito empreendedor, mentalidade empreendedora, comportamentos e atitudes empreendedoras, impulso empreendedor e as características associadas ao empreendedorismo tem se intensificado nas últimas décadas, especialmente

diante das transformações sociais, econômicas e tecnológicas que demandam indivíduos mais proativos, inovadores e resilientes (Dornelas, 2023).

O espírito empreendedor é frequentemente associado a uma disposição interna para identificar e explorar oportunidades, enquanto a mentalidade empreendedora refere-se a um conjunto de crenças, valores e modos de pensar que favorecem a ação empreendedora. Já os comportamentos e atitudes empreendedoras refletem as práticas cotidianas, como a busca por soluções criativas, a capacidade de lidar com riscos e a persistência frente a adversidades (Chiavenato, 2025).

As características empreendedoras, por sua vez, abrangem traços individuais como autonomia, autoconfiança, iniciativa e tolerância ao fracasso. O impulso empreendedor representa o desejo ou motivação que leva o indivíduo a transformar ideias em ações concretas (Hisrich et al., 2014).

Apesar das diferentes abordagens, o consenso científico atual reconhece que esses conceitos, embora interrelacionados, são distintos e devem ser compreendidos de forma integrada, uma vez que juntos contribuem para o desenvolvimento do comportamento empreendedor, entendido como um fenômeno multidimensional e influenciado tanto por fatores individuais quanto contextuais (Pennetta et al., 2024).

Dessa forma, torna-se fundamental desconstruir mitos que reforçam visões romantizadas do ato de empreender, reconhecer competências específicas de liderança que emergem nas margens e explorar abordagens adaptativas e centradas no agir sob incerteza, traços comuns aos empreendedores que atuam nas periferias urbanas brasileiras.

2.1 Mitos sobre o Empreendedorismo: Desconstruindo Narrativas Tradicionais

No campo do empreendedorismo, é comum a disseminação de concepções equivocadas que influenciam a forma como as pessoas compreendem o perfil e o papel do empreendedor. Kuratko (2016) destaca dez mitos amplamente difundidos que contribuem para uma visão distorcida do comportamento empreendedor. Entre eles, acredita-se que empreendedores são apenas executores e não pensadores estratégicos, ou que nascem com um dom natural e não podem ser formados. Também é comum associá-los exclusivamente a inventores, ignorando aqueles que inovam a partir de práticas já existentes. Outro equívoco recorrente é a visão do empreendedor como um pária acadêmico ou social, quando, na realidade, habilidades interpessoais e boa formação são frequentemente determinantes para o sucesso. Além disso, não existe um perfil único ou perfeito: diferentes estilos e características podem levar ao êxito. Contrariando outra crença popular, capital financeiro não é o único recurso necessário; conhecimento, gestão e planejamento são igualmente essenciais.

Kuratko (2016) também refuta a ideia de que empreender depende apenas de sorte ou que a ignorância pode ser uma vantagem competitiva. Por fim, destaca que o sucesso não requer necessariamente passar por múltiplos fracassos e que os verdadeiros empreendedores não são apostadores inconsequentes, mas sim calculam e gerenciam seus riscos. Esses mitos reforçam estereótipos e dificultam a valorização das competências reais envolvidas no processo empreendedor, especialmente no contexto periférico, onde as adversidades demandam um comportamento estratégico, consciente e resiliente para transformar iniciativas em oportunidades concretas de desenvolvimento socioeconômico.

A Teoria da Efetuação, proposta por Sara Sarasvathy (2022), representa uma ruptura com as abordagens tradicionais do empreendedorismo baseadas no planejamento linear e na previsão. Ao estudar como empreendedores experientes tomam decisões em ambientes de incerteza, a autora observou que eles não partem de metas definidas e recursos buscados para atingi-las; ao contrário, começam com os recursos que já possuem, quem são, o que sabem e quem conhecem, e, a partir disso, constroem as oportunidades de forma incremental. A efetuação, portanto, prioriza a ação e a flexibilidade frente às circunstâncias, permitindo que o

empreendedor adapte suas decisões conforme o contexto evolui, sem depender exclusivamente de previsões sobre o futuro.

Segundo Sarasvathy e Wheatley (2025) os cinco princípios da teoria da efetuação ilustram como esse processo acontece na prática. O primeiro é o Princípio dos Recursos Disponíveis (bird-in-hand), que orienta o empreendedor a começar com o que tem à disposição. O segundo é o Princípio da Perda Aceitável, que substitui a lógica do retorno esperado pela pergunta: “O que estou disposto a perder?”. O terceiro é o Princípio da Cocriação, que enfatiza a construção de parcerias para expandir recursos e definir possibilidades. O quarto é o Princípio da Leveza das Contingências, que incentiva o aproveitamento de imprevistos como oportunidades, e não como ameaças. Por fim, o Princípio do Controle sobre a Incerteza propõe que, em vez de tentar prever o futuro, o empreendedor deve buscar controlá-lo por meio de suas ações e decisões. Juntos, esses princípios oferecem uma lógica alternativa ao pensamento causal, favorecendo abordagens mais flexíveis, pragmáticas e adaptativas no processo empreendedor.

No campo do empreendedorismo social, Kuratko (2023) enfatiza que, embora compartilhe das mesmas bases comportamentais do empreendedorismo tradicional, como visão, criatividade e iniciativa, seu foco principal não está no lucro financeiro, mas na criação de valor social. O empreendedor social busca soluções inovadoras para problemas sociais complexos, atuando em contextos desafiadores para promover mudanças positivas e sustentáveis nas comunidades em que está inserido. Assim, tanto o empreendedor quanto o empreendedor social compartilham competências essenciais, mas diferem em seus propósitos e na forma como medem o sucesso de suas ações.

2.2 Competências Empreendedoras e de Liderança

O atual cenário econômico exige que os empreendimentos se adaptem rapidamente para manter sua continuidade e desenvolvimento, impulsionando a busca por competências que atendam tanto às necessidades internas quanto externas das organizações. Competências podem ser entendidas como a mobilização de conhecimentos, habilidades e atitudes para resolver problemas e gerar resultados em contextos específicos (Freitas, 2023). Segundo o autor, a identificação das competências de um indivíduo ocorre na prática, sendo necessário observar suas ações.

Silva, Andrade e Tonelli (2025) afirmam que as competências empreendedoras se expressam por meio de características como criatividade, capacidade de assumir riscos, inovação e busca de oportunidades. Já Antunes (2020) define a competência comportamental como a integração das competências psicológicas, relacionadas aos sentimentos e emoções, e das competências sociais, desenvolvidas ao longo da vida e essenciais para a convivência. Pavan (2025, p. 182) reforça que a competência empreendedora se refere à capacidade de agir de forma empreendedora, identificando, gerenciando e explorando oportunidades para transformar ideias em valor para a sociedade.

No presente estudo, adotou-se a tipologia de competências empreendedoras proposta por Lenzi (2008), baseada no modelo de Cooley (1990), que identifica três conjuntos de competências: realização, planejamento e poder. No conjunto de realização, destacam-se: busca de oportunidades e iniciativa, correr riscos calculados, exigência de qualidade e eficiência, persistência e comprometimento. O conjunto de planejamento compreende: busca de informação, estabelecimento de metas e planejamento e monitoramento sistemáticos. Por fim, o conjunto de poder abrange: persuasão e rede de contatos, e independência e autoconfiança. Essas competências permitem identificar diferentes perfis de comportamento empreendedor e compreendem elementos essenciais para o desenvolvimento e a sustentação de novos negócios, especialmente em contextos adversos como o das periferias.

No contexto do empreendedorismo periférico, destaca-se a figura do líder empreendedor (Barros Neto, 2012), cuja atuação vai além da gestão de negócios, gerando impactos sociais e econômicos nas comunidades onde atua. Esses líderes, muitas vezes oriundos das próprias periferias, influenciam suas regiões ao promover empregos, estimular o empoderamento local e inspirar novos empreendedores. Apesar de marginalizados pelas abordagens tradicionais, seu papel é fundamental para a vitalidade das economias locais. Dados do Data Favela indicam que as favelas brasileiras movimentam cerca de R\$ 202 bilhões por ano, o que reforça sua relevância econômica (Meirelles, 2023).

A liderança empreendedora, assim como o próprio conceito de liderança, é uma construção teórica em evolução. Ela é entendida como a capacidade de influenciar pessoas por meio de repertórios próprios, identificando oportunidades e liderando decisões em ambientes de incerteza (Chell, 2016; Di Fabio et al., 2016; Newman et al., 2018; Regazzi, 2022; Trafane, 2024). Para que seja considerada empreendedora, é necessário demonstrar autoconfiança, propensão a riscos e foco na inovação (Silva & Signorini, 2018). Segundo Renko (2018), essa liderança combina diferentes estilos e tem como diferencial a orientação para resultados e a capacidade de reconhecer oportunidades (Eckert & Corso, 2025).

Nesse sentido, é importante destacar que diferentes estilos de liderança (Diomar, 2024), como o democrático, o liberal (*laissez-faire*) e o autocrático, também influenciam a forma como os líderes periféricos conduzem seus negócios e suas comunidades. O estilo democrático é marcado pela valorização da participação da equipe nas decisões, favorecendo a construção coletiva e o fortalecimento das redes locais. Já o estilo liberal concede maior autonomia aos colaboradores, o que pode ser positivo em contextos que demandam flexibilidade e inovação. Por outro lado, o estilo autocrático tende a centralizar decisões, sendo mais raro em empreendimentos comunitários, mas ainda presente em negócios familiares ou tradicionais. A escolha do estilo está diretamente relacionada ao perfil do líder, às condições sociais e à cultura organizacional local.

Contudo, empreendedores das periferias enfrentam desafios como a falta de crédito (40%), infraestrutura precária (25%) e o estigma social (Meirelles, 2022). Compreender essa liderança exige considerar fatores sociais, culturais e simbólicos, reconhecendo-a como prática estratégica que articula inovação, resistência e transformação social.

2.3 A Favela como Território Periférico de Empreendedorismo

O termo favela, utilizado neste estudo, é compreendido a partir de uma perspectiva crítica e sociológica, reconhecendo esses territórios como espaços legítimos de existência, resistência e produção de saberes, distantes de qualquer conotação pejorativa. A escolha do termo acompanha sua ressignificação contemporânea, adotada por movimentos sociais, pesquisadores e pelo próprio Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que passou a utilizar novamente a expressão “favelas e comunidades urbanas” como forma de reconhecer sua identidade e complexidade (Nery & Britto, 2024). As favelas são vistas, assim, como territórios historicamente marginalizados, mas também marcados por criatividade, solidariedade e empreendedorismo resiliente (Meirelles & Athayde, 2014).

O surgimento das favelas no Brasil está relacionado à urbanização desordenada e à ausência de políticas públicas habitacionais. Vaz (1994) aponta os cortiços como seus precursores. A origem do termo remete à Guerra de Canudos e à ocupação do Morro da Providência no Rio de Janeiro (Cruz, 1941). Carolina Maria de Jesus (2020) reforça a marginalização desses territórios em sua obra Quarto de Despejo. Embora o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2024) defina favela tecnicamente como aglomerados informais, estudiosos como McCann (2014) ressaltam que o conceito está em constante transformação.

As favelas brasileiras possuem relevância econômica e demográfica, abrigando cerca de 17,9 milhões de pessoas e movimentando mais de R\$ 200 bilhões anuais (Meirelles, 2023).

Apesar disso, permanecem estigmatizadas como espaços de pobreza e violência. Contudo, são também polos de consumo, inovação e pertencimento (Favela S/A, 2021).

O empreendedorismo em favelas surge como resposta à exclusão e falta de oportunidades. Dados apontam 5,2 milhões de empreendedores nesses territórios (Terra, 2023), majoritariamente mulheres negras (Quintessa, 2020). Apesar das adversidades, essas iniciativas promovem transformação social e reforçam a necessidade de políticas públicas e incentivos (Prahalaad, 2010). Assim, as favelas devem ser reconhecidas como territórios de potência, inovação e protagonismo.

3 Metodologia

De natureza qualitativa, a abordagem desta pesquisa foi exploratória e descritiva, buscando compreender o perfil e comportamento empreendedor em territórios periféricos, com foco em lideranças comunitárias. O caráter exploratório justifica-se pela escassez de estudos sobre o tema, enquanto o descritivo visa detalhar práticas e estratégias de empreendedores nas favelas de Diadema/SP (Gil, 2022).

Foram adotadas três estratégias metodológicas: pesquisa de campo, bibliográfica e documental. A pesquisa de campo consistiu em entrevistas semiestruturadas com empreendedores periféricos; a bibliográfica envolveu materiais acadêmicos e a documental, relatórios, reportagens e registros audiovisuais sobre o tema. O método indutivo foi utilizado para construir generalizações a partir da realidade observada, além do método monográfico para aprofundamento dos casos estudados (Prodanov & Freitas, 2013).

O universo da pesquisa incluiu empreendedores que se autodeclararam líderes comunitários e atuam em Diadema, município escolhido por conveniência, considerando o acesso facilitado da pesquisadora residente. A amostra intencional foi composta por três participantes, selecionados por relevância e acessibilidade (Marconi & Lakatos, 2021). Diadema, com alta densidade demográfica e 109 favelas, possui indicadores sociais contrastantes: bons índices educacionais e Índice de Desenvolvimento Humano Municipal - IDHM alto (0,757), mas ainda enfrenta desafios como alta mortalidade infantil (Lana, 2024).

IDHM é um indicador adaptado do IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) da Organização das Nações Unidas - ONU, mas calculado especificamente para municípios brasileiros. O IDHM foi desenvolvido pelo PNUD Brasil (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), em parceria com o IPEA e a Fundação João Pinheiro. O IDHM varia de 0 a 1 e avalia três dimensões principais do desenvolvimento humano no nível municipal: Longevidade (esperança de vida ao nascer), Educação (escolaridade da população adulta e fluxo escolar dos jovens) e Renda (renda per capita média). Quanto mais próximo de 1, maior o nível de desenvolvimento humano do município (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada & Fundação João Pinheiro, 2021).

As entrevistas, realizadas presencialmente, seguiram roteiro com perguntas abertas e foram gravadas e transcritas (Creswell & Creswell, 2021). A seleção dos entrevistados ocorreu via redes sociais e contatos pessoais. A análise dos dados utilizou a análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), envolvendo pré-análise, codificação, categorização e interpretação (Gerhardt & Silveira, 2009).

O processo de análise das entrevistas foi realizado com o apoio do software Nvivo, ferramenta que possibilitou a organização, segmentação e categorização sistemática dos dados qualitativos conforme recomendações de Alves et al. (2015) para uso do Nvivo em pesquisas qualitativas. Essa abordagem potencializou a identificação de padrões, a organização dos dados em categorias analíticas e a visualização das relações entre as competências comportamentais, as práticas empreendedoras e as percepções dos entrevistados acerca de sua atuação em territórios periféricos.

A pesquisa foi isenta de aprovação pelo Comitê de Ética, conforme a Resolução CNS nº 510/2016 (Brasil, 2016). As entrevistas foram voluntárias, respeitando princípios éticos, confidencialidade e anonimato (Witiuk et al., 2018).

4 Análise dos Resultados e Discussões

A apresentação e discussão dos resultados foram organizadas a partir da análise de conteúdo com apoio do software Nvivo (como explicado na seção de Metodologia), o que possibilitou a organização sistemática dos dados e facilitou a visualização das categorias temáticas e das relações entre as competências comportamentais, práticas empreendedoras e percepções dos entrevistados sobre sua atuação em territórios periféricos. Por razões éticas e em conformidade com os princípios da confidencialidade e do anonimato, os entrevistados não serão identificados por seus nomes reais.

Para preservar suas identidades, eles foram anonimizados e serão referenciados ao longo do texto apenas pelas siglas E1, E2 e E3. A Tabela 1 resume o perfil dos entrevistados.

Tabela 1. Síntese das principais percepções, conceitos e interpretações das entrevistas

Entrevistado(a)	Setor de Atuação	Tempo Atuação	Reconhecimento Comunitário	Idade	Gênero	Renda mensal	Liderança
E1	Design unha	4 anos	Médio	21	Feminino	10 mil	Liberal
E2	Cabelereiro	3 anos	Alto	21	Masculino	4 mil	Democrático
E3	Confeitoria	5 anos	Alto	24	Feminino	25 mil	Democrática

A seguir, os resultados são apresentados e serão discutidos à luz do referencial teórico, destacando as especificidades e os padrões observados.

4.1 Apresentação e Análise dos Resultados

A análise da entrevista com E1, empreendedora atuante no setor de beleza em Diadema/SP, evidenciou aspectos centrais relacionados ao comportamento empreendedor em territórios periféricos, confirmado elementos discutidos no referencial teórico e na seção de discussão deste estudo.

A trajetória de E1 reforça a compreensão de que, nas periferias, o empreendedorismo é frequentemente impulsionado pela necessidade, e não como resultado de um planejamento estruturado ou de um sonho previamente idealizado. Para E1, empreender foi uma alternativa diante das dificuldades enfrentadas no mercado formal de trabalho, revelando competências como resiliência, criatividade, persistência e autonomia, essenciais para se estabelecer em um ambiente social e economicamente adverso.

As falas de E1 reforçam a superação de mitos clássicos do empreendedorismo, como a ideia de que empreendedores nascem prontos ou que o sucesso depende exclusivamente de grandes investimentos iniciais. Pelo contrário, E1 construiu seu negócio a partir de recursos mínimos, sem apoio institucional e sem formação técnica específica, características frequentemente associadas ao perfil do empreendedor periférico. A prática de aprender fazendo e a capacidade de improvisar estratégias ao longo do tempo reforçam a lógica da efetuação observada no estudo.

Dentre os principais desafios relatados por E1, destacam-se as dificuldades de inserção no mercado formal, o estigma associado à periferia, a informalidade das atividades, a escassez de crédito e as barreiras relacionadas à valorização do trabalho prestado. A entrevistada relatou episódios de preconceito por atuar em um território periférico e enfrentou resistência de potenciais clientes em razão da localização do seu serviço. “Eu já perdi clientes que diziam: ‘Amei o seu trabalho, onde você mora? No Pantanal? Não vou mais’”, revela. Tais desafios confirmam a importância das redes de apoio e da superação de estigmas territoriais para o fortalecimento do empreendedorismo local.

No que tange ao impacto social e comunitário, E1 reconhece seu papel como liderança e influência positiva em sua comunidade, destacando o empreendedorismo como meio de fortalecimento da autoestima, geração de renda e inspiração para outras mulheres. “Eu lembro das dificuldades que enfrentei quando comecei e não tinha ninguém para me ajudar. Hoje, quero ser a pessoa que eu não tive (...). Acho que acabo incentivando as pessoas, tanto no meu negócio quanto na minha vida pessoal.” A entrevistada atua ainda como formadora, oferecendo cursos e orientação para outras mulheres interessadas em ingressar na área.

As práticas inovadoras mais evidentes dizem respeito ao uso estratégico das redes sociais, especialmente o Instagram, como ferramenta de marketing, captação de clientes e fortalecimento de marca. E1 também desenvolveu estratégias próprias para fidelização e valorização do seu serviço, ao perceber as diferenças de público entre as periferias e o centro da cidade. “Aqui eu consigo outro tipo de público que eu não conseguia lá. Por exemplo, lá jamais eu conseguia cobrar R\$ 200 no meu alongamento, que é o que eu cobro hoje.”

E1 ainda reafirmou que seu negócio contribui para a economia local e reforça a importância das competências comportamentais no enfrentamento das adversidades, destacando persistência, atitude e coragem como fundamentais para quem deseja empreender na periferia.

A análise da entrevista com E2, empreendedor periférico do setor de beleza no município de Diadema/SP, reforça a importância das competências comportamentais no contexto do empreendedorismo periférico. Sua trajetória evidencia que empreender, mais do que um sonho ou vocação, surge como uma necessidade e oportunidade para geração de renda e autonomia. Para E2, a decisão de abrir seu próprio negócio foi motivada pela insatisfação com os baixos rendimentos quando trabalhava para terceiros, aliada ao desejo de atuar em algo que lhe proporcionasse prazer e liberdade.

As competências mais destacadas por E2 são coragem, atitude, persistência e adaptabilidade, alinhadas à literatura que aponta a importância desses traços para empreendedores em contextos vulneráveis. Como reforçado em sua fala, “é preciso estar disposto a não desistir ao longo do caminho”. Essas características foram fundamentais para que ele superasse desafios relacionados à falta de capital, à dificuldade em obter crédito e à conquista da clientela, barreiras já amplamente discutidas pela literatura sobre empreendedorismo periférico.

Entre os mitos desconstruídos, E2 evidencia que não é necessário ter um plano robusto ou formação formal para empreender, reforçando a hipótese deste estudo de que muitos empreendedores periféricos iniciam suas atividades de maneira intuitiva e autodidata. Sua trajetória foi construída com base na prática diária e na observação de outros salões, destacando a informalidade e a improvisação como características comuns nesse contexto. E2 reforça: “Nos baseamos no lugar onde moramos. Não queremos competir com ninguém”.

Os principais desafios enfrentados envolvem a estruturação do negócio, a criação de um diferencial competitivo e a fidelização da clientela. A ausência de políticas públicas de incentivo, a falta de acesso a recursos financeiros e o estigma associado à periferia foram apontados como obstáculos iniciais. E2 destaca ainda a insegurança quanto ao retorno dos clientes no início da jornada empreendedora, reforçando o papel da resiliência no processo.

No aspecto social e comunitário, E2 reconhece seu papel como liderança e agente de impacto positivo, fortalecendo laços de pertencimento e autoestima na comunidade. Ele acredita que seu trabalho contribui para a circulação da economia local e para o bem-estar das pessoas: “Aqui às vezes é mais descontraído. Quando alguém vem, a gente brinca, conversa à vontade, mas sempre mantendo o profissionalismo”.

As práticas inovadoras identificadas nas falas de E2 incluem a criação de um ambiente acolhedor e descontraído no salão, favorecendo a construção de vínculos com os clientes e consolidando sua imagem como líder democrático e referência local. Essas práticas evidenciam

que o diferencial de seu negócio vai além do serviço prestado, concentrando-se na experiência oferecida ao cliente e na construção de redes de apoio no território onde atua.

A trajetória de E3, empreendedora do setor alimentício na periferia de Diadema/SP, reafirma que, no contexto periférico, o empreendedorismo surge mais como uma necessidade e oportunidade de autonomia financeira do que como a realização de um sonho idealizado. Desde a adolescência, E3 buscou independência financeira através da venda de doces e, ao longo do tempo, consolidou seu negócio, que hoje conta com três funcionárias e estrutura formalizada.

Entre as competências comportamentais evidenciadas, destacam-se a resiliência, determinação, coragem, proatividade e persistência. E3 reforça a importância de acreditar no próprio potencial e de manter a força de vontade mesmo diante das dificuldades. Para ela, empreender é “se arriscar e buscar algo maior”. Sua trajetória confirma o papel central dessas competências no fortalecimento do comportamento empreendedor em territórios periféricos.

Em sua fala, E3 desconstrói mitos comuns sobre o empreendedorismo, ao afirmar que não iniciou seu negócio com formação técnica ou planejamento formal, mas sim de forma intuitiva e autodidata. Com o crescimento do empreendimento, buscou posteriormente aperfeiçoar sua gestão. Essa prática confirma a hipótese deste estudo sobre a ausência de preparação formal no início da jornada empreendedora periférica.

Dentre os principais desafios relatados, destacam-se a desvalorização dos negócios em regiões periféricas, a dificuldade em estabelecer preços competitivos devido à percepção de menor valor da região e os obstáculos logísticos enfrentados por sua localização. Além disso, E3 apontou a dificuldade em separar vida pessoal e profissional na gestão da equipe, o que a levou a buscar formação específica para lidar melhor com seus funcionários.

No campo do impacto social e comunitário, E3 demonstra forte compromisso com o entorno. Prioriza a contratação de pessoas em situação de vulnerabilidade e busca estimular o desenvolvimento pessoal e profissional de suas funcionárias. Relata que concede flexibilidade de horários e acolhimento para que possam levar seus filhos ao trabalho, quando necessário. Além disso, compartilha seu conhecimento por meio de cursos, contribuindo para o fortalecimento da cultura empreendedora local.

As práticas inovadoras adotadas por E3 incluem ações para fidelização de clientes, como brindes e promoções para lançamento de novos produtos, além da construção de um ambiente acolhedor e humanizado em sua loja. O uso estratégico do Instagram também se destacou como ferramenta para engajamento, marketing e fortalecimento da imagem do negócio, além de ampliar sua rede de clientes e inspirar outras mulheres. A entrevistada valoriza o fortalecimento da economia local ao adquirir insumos e embalagens de fornecedores da própria região, reforçando sua contribuição para a economia circular da comunidade.

E3 é reconhecida como uma liderança democrática, capaz de construir relações de confiança com seus funcionários e clientes, atuando como inspiração para amigos, familiares e seguidores que desejam empreender. Sua atuação reafirma a potência transformadora do empreendedorismo nas periferias, mesmo diante dos desafios estruturais impostos ao seu território.

4.2 Discussão dos Resultados

Os resultados desta pesquisa reafirmam as discussões do referencial teórico ao evidenciar que o empreendedorismo nas favelas e territórios periféricos não se restringe a um ato econômico, mas representa uma prática social profundamente enraizada em contextos de resistência, superação e ressignificação (Meirelles & Athayde, 2014; Nery & Britto, 2024). Os dados coletados corroboram a literatura ao demonstrar que os empreendedores periféricos constroem suas trajetórias em meio a limitações estruturais, ausência de capital e estigmas sociais, mas também a partir de competências comportamentais como resiliência, criatividade

e capacidade de identificar oportunidades, alinhando-se às concepções de Kuratko (2016) e Sarasvathy (2022) sobre o comportamento empreendedor.

As trajetórias dos entrevistados revelam pontos de convergência com as hipóteses deste estudo, especialmente no que tange à ausência de planejamento inicial, à carência de capacitação formal e à predominância de práticas autodidatas, confirmando as contribuições de Lenzi (2008) e Cooley (1990) sobre a importância das competências práticas e comportamentais para o desenvolvimento de negócios em ambientes adversos.

Observa-se que essas lideranças empreendedoras constroem seus negócios a partir de uma lógica da efetuação (Sarasvathy, 2022), onde os recursos disponíveis são utilizados de forma criativa e incremental, reforçando a literatura sobre a adaptabilidade como competência essencial em territórios periféricos (Chiavenato, 2025; Dornelas, 2023).

Outro achado relevante foi a identificação de estilos de liderança que variam entre o democrático e o liberal, ambos voltados ao fortalecimento de vínculos comunitários e à valorização das redes locais (Diomar, 2024; Silva & Signorini, 2018). Tais características reforçam o papel social desses empreendedores, que não apenas geram renda, mas constroem relações de confiança e pertencimento, impactando positivamente suas comunidades e reafirmando a favela como território de potência e inovação (Favela S/A, 2021; Meirelles, 2023).

As principais dificuldades relatadas, acesso ao crédito, infraestrutura precária, informalidade e estigmatização social, reforçam os desafios apontados pela literatura (Prahala, 2010; Terra, 2023; Quintessa, 2020), destacando que a atuação empreendedora nesses contextos demanda competências específicas, como perseverança, autonomia, capacidade de improvisação e inteligência social (Antunes, 2020; Pavan, 2025). Embora tais desafios tenham sido enfrentados de formas distintas, o papel das redes de apoio, sejam elas familiares, comunitárias ou virtuais, apareceu como fator comum para a sustentação e crescimento dos negócios.

Os achados também indicam que, mesmo sem formação prévia, os empreendedores desenvolvem competências por meio da prática, da experimentação e do benchmarking, confirmado a relevância da aprendizagem empírica (Freitas, 2023). A utilização das redes sociais, especialmente o Instagram, foi apontada como estratégia decisiva para ampliação de clientela, visibilidade e consolidação das marcas, o que reforça a importância da comunicação digital como ferramenta empreendedora nas periferias, como já sugerido por Eckert e Corso (2025).

Em termos teóricos, esta pesquisa reforça a necessidade de desconstruir os mitos do empreendedorismo (Kuratko, 2016), uma vez que, nos territórios periféricos, o ato de empreender está mais relacionado à sobrevivência, à superação das adversidades e ao protagonismo social do que a características inatas ou fórmulas pré-estabelecidas de sucesso. Assim, contribui para ampliar a compreensão sobre o comportamento empreendedor como fenômeno complexo, multidimensional e profundamente contextualizado (Pennetta et al., 2024).

Do ponto de vista prático, os resultados obtidos sinalizam a urgência de políticas públicas e iniciativas privadas voltadas para o fortalecimento do empreendedorismo periférico, com foco na capacitação, acesso a crédito, formalização e valorização das práticas já existentes. Essas medidas podem potencializar o impacto positivo desses negócios, não apenas na geração de renda, mas também na construção de comunidades mais autônomas, resilientes e inovadoras (Barros Neto, 2012; Meirelles, 2022).

A fim de sintetizar e facilitar a visualização dos principais resultados obtidos a partir das entrevistas, foi elaborada a Tabela 2, que apresenta de forma detalhada as competências comportamentais e empreendedoras, os mitos do empreendedorismo desconstruídos, os principais desafios enfrentados, as práticas inovadoras adotadas e os impactos sociais gerados

pelos entrevistados. A organização das informações em formato tabular visa sistematizar as evidências coletadas e destacar as especificidades e padrões comuns entre os empreendedores periféricos analisados, reforçando as discussões apresentadas nesta seção.

Tabela 2. Síntese das principais percepções, conceitos e interpretações das entrevistas

Entrevis-tado(a)	Principais competências evidenciadas	Mitos do empreendedorismo desconstruídos	Principais desafios	Impacto social / comunitário	Práticas inovadoras identificadas
E1	Resiliência para lidar com adversidades; criatividade para desenvolver soluções locais; persistência na manutenção do negócio mesmo diante de dificuldades financeiras; autonomia nas decisões estratégicas.	Empreender não requer nascer pronto; as competências no percurso; capital inicial não é a única condição para começar.	Dificuldade de acesso a crédito e financiamento formal; estigmatização social do território periférico; precariedade da infraestrutura urbana e comercial.	Promove geração de emprego e renda local; fortalece autoestima da comunidade; contribui para redes de solidariedade e apoio mútuo.	Utilização estratégica das redes sociais para marketing e vendas; desenvolvimento de produtos alinhados às necessidades da comunidade local.
E2	Flexibilidade para adaptar-se às mudanças do mercado local; capacidade de improviso em situações de recursos limitados; busca contínua por oportunidades de mercado e inovação.	O empreendedorismo é viável mesmo sem formação técnica ou acadêmica formal; recursos limitados não são barreiras intransponíveis.	Excesso de burocracia para formalização; falta de apoio institucional; insegurança jurídica e ausência de políticas públicas efetivas.	Serve de inspiração para novos empreendedores da comunidade; reforça a economia local; estimula práticas de cooperação e trocas efetivas.	Adaptação de serviços e produtos conforme demandas específicas da favela; construção de parcerias informais para fortalecer o negócio.
E3	Autoconfiança no próprio potencial empreendedor; iniciativa para iniciar novos projetos; habilidades de liderança comunitária; adaptabilidade frente aos desafios econômicos e sociais da periferia.	O sucesso não depende exclusivamente de sorte ou grandes invenções; pode ser alcançado por meio da construção de redes e valorização da cultura local.	Preconceito associado ao exclusivamente de território periférico; informalidade das atividades econômicas; escassez de apoio público e institucional.	Contribui para fortalecer redes de apoio comunitário; valoriza a cultura local; promove o sentimento de pertencimento e identidade.	Ampliação da rede de contatos de apoio por meio de mídias digitais; criação de parcerias locais; fortalecimento da imagem do negócio com foco na cultura local.

Nota. Tabela elaborada pelo(a) autor(a) com base nas entrevistas realizadas no estudo. As categorias foram organizadas de acordo com a análise de conteúdo (Bardin, 2011) e fundamentadas na referencial teórico sobre empreendedorismo periférico.

Os resultados da pesquisa confirmam que os empreendedores periféricos atuam movidos por necessidades concretas e aspirações legítimas de autonomia financeira e transformação social. As trajetórias analisadas evidenciam que as competências comportamentais, como resiliência, persistência, coragem, criatividade e adaptabilidade, são determinantes para a superação dos obstáculos estruturais enfrentados nesses territórios, corroborando o referencial teórico adotado.

Além disso, ficou claro que tais empreendedores desconstroem mitos clássicos do empreendedorismo, demonstrando que é possível iniciar e consolidar negócios bem-sucedidos mesmo sem planejamento formal ou recursos iniciais expressivos.

As práticas inovadoras, as redes de apoio e a conexão direta com a comunidade revelam que o empreendedorismo periférico possui características singulares e relevantes para a compreensão mais ampla do campo. Por fim, os achados reforçam que esses empreendedores geram impactos positivos não apenas econômicos, mas sociais e simbólicos, promovendo inclusão, autoestima e desenvolvimento local.

5 Considerações Finais

Os resultados obtidos demonstram que os empreendedores periféricos desenvolvem suas práticas com base em competências comportamentais como resiliência, criatividade, persistência, iniciativa e adaptabilidade. Tais competências, alinhadas à teoria da efetuação e às discussões sobre competências empreendedoras, revelam que o ato de empreender nas periferias ultrapassa a busca por lucro e se insere em uma lógica de sobrevivência, pertencimento, transformação social e resistência.

O estudo também evidencia que o empreendedorismo periférico é profundamente conectado às redes comunitárias e utiliza estratégias próprias, como o uso das redes sociais, para construir visibilidade, ampliar mercados e consolidar negócios.

Outra contribuição relevante da pesquisa está na reafirmação das favelas e comunidades periféricas como territórios de potência, inovação e práticas empreendedoras legítimas, contrariando visões estigmatizadas que as reduzem a espaços de carência. O estudo reforça que tais empreendedores não apenas geram renda, mas cumprem papel central na coesão social e no desenvolvimento local, alinhando-se à literatura que reconhece o protagonismo das periferias na economia e na inovação social.

Do ponto de vista prático, os achados desta pesquisa reforçam a necessidade de políticas públicas e iniciativas privadas voltadas para a capacitação, acesso a crédito, infraestrutura e formalização desses empreendedores. Tais ações podem potencializar ainda mais o impacto social e econômico das atividades empreendedoras nas periferias, valorizando competências já desenvolvidas de forma empírica e criando oportunidades para o fortalecimento da economia local e da inclusão produtiva.

Quanto às contribuições teóricas, este estudo amplia a compreensão sobre o comportamento empreendedor em territórios periféricos, ao evidenciar que não há um único perfil ou trajetória a ser seguido. O empreendedorismo periférico é plural, flexível e profundamente contextualizado, sendo necessário reconhecer as múltiplas formas pelas quais as competências se manifestam e se desenvolvem em contextos de vulnerabilidade e ausência de recursos.

Reconhece-se, contudo, que este trabalho apresenta limitações inerentes à sua natureza qualitativa e à amostra reduzida e localizada. O estudo concentrou-se em três empreendedores da cidade de Diadema/SP, o que impede generalizações mais amplas para outros contextos periféricos.

Para pesquisas futuras, recomenda-se a ampliação da amostra, a inclusão de diferentes territórios e a exploração de recortes temáticos mais específicos, como o impacto das tecnologias digitais, as redes de apoio e as relações de gênero e raça no empreendedorismo periférico. Tais investigações poderão aprofundar o debate e contribuir para a construção de políticas e práticas mais inclusivas e eficazes voltadas ao fortalecimento do empreendedorismo nas periferias brasileiras.

Por fim, esta pesquisa contribui ao reforçar a importância do reconhecimento das competências empreendedoras periféricas como práticas legítimas e estratégicas para o desenvolvimento econômico e social, evidenciando que tais práticas podem e devem ser

consideradas referências no debate sobre empreendedorismo e inclusão socioeconômica no Brasil.

Referências

- Alves, D., Figueiredo Filho, D., & Henrique, A. (2015). O poderoso NVivo: uma introdução a partir da análise de conteúdo. *Revista Política Hoje*, 24(2), 119–134.
- Antunes, L. (2020). *Soft skills: competências essenciais para os novos tempos*. Literare Books International.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Barros Neto, J. P. de. (2012). *Manual do empreendedor: de micro a pequenas empresas*. Qualitymark.
- Brasil. Conselho Nacional de Saúde. (2016, 24 de maio). *Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016*. Diário Oficial da União, seção 1, n. 98, p. 44. <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/atos-normativos/resolucoes/2016/resolucao-no-510.pdf>
- Chell, E. (2016). *Entrepreneurial personality: a social construction*. Routledge.
- Chiavenato, I. (2025). Empreendedorismo: dando asas ao espírito empreendedor. GEN Atlas.
- Cooley, L. (1990). Entrepreneurship training and the strengthening of entrepreneurial performance (Final Report, Contract No. DAN-5314-C-00-3074-00). USAID.
- Creswell, J. W., & Creswell, J. D. (2021). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Penso.
- Cruz, H. D. (1941). *Os morros cariocas no novo regime: notas de reportagem*. Gráfica Olympica M. Couto.
- Di Fabio, A.; Bucci, O.; Gori, A. High entrepreneurship, leadership, and professionalism (help): toward an integrated, empirically based perspective. *Frontiers in psychology*, v.7, 2016.
- Diomar, H. (2024). *Estilos de liderança e a motivação organizacional*. Viseu.
- Dornelas, J. (2023). Empreendedorismo: transformando ideias em negócios. GEN Atlas.
- Eckert, A., & Corso, R. L. (2025). Aspectos empreendedores e organizacionais como gatilhos do desempenho individual no trabalho: Proposta para uma aproximação teórico-prática. *Desafio Online*, 13(1), Artigo e19860. <https://doi.org/10.55028/don.v13i1.19860>
- Favela S/A. (2021, 29 de novembro). “Favela é potência, não é carência”, diz Celso Athayde, da Favela Holding. *Exame*. <https://exame.com/columnistas/favela-s-a/favela-e-potencia-nao-e-carencia-diz-celso-athayde-da-favela-holding/>
- Freitas, A. (2023). *Gestão de pessoas por competências: um modelo prático para implementação*. Appris.

- Gerhardt, T. E., & Silveira, D. T. (Orgs.). (2009). *Métodos de pesquisa*. Editora da UFRGS.
- Gil, A. C. (2022). *Como elaborar projetos de pesquisa*. Atlas.
- Hisrich, R. D., Peters, M. P., & Shepherd, D. A. (2014). *Empreendedorismo*. AMGH.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2024). *Favelas e comunidades urbanas 2024: sobre a mudança de aglomerados subnormais para favelas e comunidades urbanas*. IBGE.
- Jesus, C. M. de. (2020). *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática.
- Kuratko, D. F. (2016). *Empreendedorismo: teoria, processo e prática*. Cengage Learning.
- Kuratko, D. F. (2023). *Entrepreneurship: theory, process, practice*. Cengage Learning.
- Lana, T. (2024, 17 de novembro). Número de comunidades cresce 37% e chega a 350 áreas na região: população que vive nesses territórios aumentou 13% e passou de 413 mil para 470 mil em 12 anos. *Diário do Grande ABC*.
<https://www.dgabc.com.br/Noticia/4176576/numero-de-comunidades-cresce-37-e-chega-a-350-areas-na-regiao>
- Lenzi, F. C. (2008). *Os empreendedores corporativos nas empresas de grande porte dos setores mecânico, metalúrgico e de material elétrico/comunicação em Santa Catarina: um estudo da associação entre tipos psicológicos e competências empreendedoras reconhecidas* (Tese de doutorado, Universidade de São Paulo).
- Longenecker, J. G., Petty, J. W., Palich, L. E., & Hoy, F. (2018). *Administração de pequenas empresas: lançando e desenvolvendo iniciativas empreendedoras*. Cengage Learning.
- Marconi, M. de A., & Lakatos, E. M. (2021). *Metodologia do trabalho científico*. Atlas.
- McCann, B. (2014). *Hard times in the marvelous city: from dictatorship to democracy in the favelas of Rio de Janeiro*. Duke University Press.
- Meirelles, R. (2022). *Um país chamado favela 2022*. DataFavela.
https://outraspalavras.net/wp-content/uploads/2023/03/Pesquisa-expofavela_datafavela.pdf.
- Meirelles, R. (2023). *Um país chamado favela 2023*. DataFavela.
https://www.museudasfavelas.org.br/wp-content/uploads/2023/09/DataFavela_Pesquisa-Expo_2023rm.pdf.
- Meirelles, R., & Athayde, C. (2014). *Um país chamado favela: a maior pesquisa já feita sobre a favela brasileira*. Gente.
- Nery, C., & Britto, V. (2024). *Favelas e comunidades urbanas: IBGE muda denominação dos aglomerados subnormais*. <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38962-favelas-e-comunidades-urbanas-ibge-muda-denominacao-dos-aglomerados-subnormais>

- Newman, A., Tse, H. M. H., Schwarz G., Nielsen, I. (2018). The effects of employees' creative self-efficacy on innovative behavior: The role of entrepreneurial leadership. *Journal of Business Research*, v. 89, p. 1-9.
- Pavan, N. I. V. F. (2025). *A relação entre educação empreendedora, competências empreendedoras e intenção de empreender: um estudo nas Universidades Federais de Santa Catarina*. (Dissertação de mestrado profissional, Universidade Federal de Santa Catarina).
- Pennetta, S.; Anglani, F.; Mathews, S. Navigating through entrepreneurial skills, competencies and capabilities: a systematic literature review and the development of the entrepreneurial ability model. *Journal of Entrepreneurship in Emerging Economies*, v. 16, n. 4, p. 1144–1182, 2024.
- Prahald, C. K. (2010). *A riqueza na base da pirâmide: erradicando a pobreza com o lucro*. Bookman.
- Prodanov, C. C., & Freitas, E. C. (2013). *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. Feevale.
- Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) & Fundação João Pinheiro (FJP). (2021). *Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM): Metodologia*. Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil.
- Quintessa. (2020). *Estudo sobre empreendedorismo da periferia de São Paulo*. <https://conteudos.quintessa.org.br/estudo-periferia>
- Regazzi, R. D. (2022). *Liderança transformadora empreendedora: desafios empresariais e institucionais*. Editar.
- Renko, M. (2018). Entrepreneurial leadership. In J. Antonakis & D. Day (Eds.), *The nature of leadership* (pp. 381–407). SAGE Publications.
- Sarasvathy, S. D. (2022). *Effectuation: elements of entrepreneurial expertise*. Edward Elgar Publishing.
- Sarasvathy, S. D., & Wheatley, G. B. (2025). *Effectual entrepreneurship*. Routledge.
- Silva, J. J., Signorini, M. D. (2018). O papel da liderança no empreendedorismo. *Colloquium Socialis*.
- Silva, S. L., Andrade, D. M., & Tonelli, D. F. (2025). O uso de metodologias ativas na educação empreendedora: uma revisão sistemática da literatura. *Gestão & Regionalidade*, 41, e20258952. <https://doi.org/10.13037/gr.vol41.e20258952>.
- Terra. (2023, 6 de novembro). *Empreendedorismo popular: sonho vira realidade nas favelas*. <https://www.terra.com.br/economia/empreendedorismo-popular-sonho-vira-realidade-nas-favelas,9c8b20a8cc054ef3388db42ca5b1c8763kbzkeem.html>
- Trafane, Y. (2024). *Os quatro papéis: lições de liderança, gestão, estratégia e empreendedorismo na carreira gerencial*. Citadel.

Vaz, L. F. (1994). *Uma história da habitação coletiva na cidade do Rio de Janeiro* (Tese de doutorado, Universidade de São Paulo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, USP.

Witiuk, I. L., França, B., Krüger, C., & Guebert, M. C. C. (2018). *Ética em pesquisa envolvendo seres humanos*. PUCPRESS.